



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

CAIO GOMES MOUNIF JAMAL

**EDITORIA DO DIA
PODCAST: VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS**

**GOIÂNIA
2025**



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

CAIO GOMES MOUNIF JAMAL

**EDITORIA DO DIA
PODCAST: VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS**

Produto Podcast apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Direito, Negócios e Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

**GOIÂNIA
2025**

FOLHA DE APROVAÇÃO

CAIO GOMES MOUNIF JAMAL

EDITORIA DO DIA

PODCAST: VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS

Data da defesa: 11 de dezembro de 2025.

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliani de Fátima Covem Queiroz

Profa. Me. Sabrina Moreira de Moraes

Jornalista Wendell Paulo Neilly Paschetto

A violência contra jornalistas é uma manifestação absolutamente inaceitável e que demonstra a falta de espírito público, a falta de compreensão do papel que o jornalismo e que os meios de comunicação que fazem jornalismo exercem para a sociedade.

Maria José Braga

AGRADECIMENTOS

Ao longo de toda minha jornada acadêmica, contei com o apoio de inúmeras pessoas para chegar até a este ponto da graduação. Familiares, amigos, professores, colegas, todos contribuíram ao extremo para tudo isso.

Dentro da minha fé, agradeço primeiramente à Deus, em quem eu sempre me apoio para tudo nesta jornada de vida.

Relembro todo apoio de meus familiares, em especial, meu pai e minha avó, que lutaram durante anos para eu me enriquecer intelectualmente através dos estudos.

Por fim, minha gratidão a todos os profissionais que contribuíram para minha formação acadêmica. Todos os professores que tive durante o curso, com um carinho especial à minha orientadora Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz, que dedicou tempo e atenção para me instruir nesse trabalho.

RESUMO:

O produto no formato de podcast em vídeo, com o tema “Violência contra jornalistas”, tem como objetivo destacar e entender o grave problema da violência contra jornalistas e de como esse fenômeno se manifesta no contexto profissional e social, mais especificamente no Brasil. Com dois convidados escolhidos para falar sobre o assunto, o produto aborda o que de fato caracteriza a violência contra profissionais da imprensa, conforme dados e definições contemporâneas, correlacionando esse cenário com casos enfrentados cotidianamente por jornalistas em campo. Portanto, o produto em podcast auxilia qualquer interessado a compreender o tema, reconhecer situações de risco e, aos profissionais, incentivo de recorrer aos mecanismos de proteção com mais consciência, acessibilidade e segurança.

PALAVRAS-CHAVE: Podcast, violência, jornalistas, Brasil.

ABSTRACT:

This video podcast, themed "Violence Against Journalists," aims to highlight and understand the serious problem of violence against journalists and how this phenomenon manifests itself in professional and social contexts, specifically in Brazil. With two guests chosen to speak on the subject, the podcast addresses what truly characterizes violence against media professionals, based on contemporary data and definitions, correlating this scenario with cases faced daily by journalists in the field. Therefore, the podcast helps anyone interested to understand the topic, recognize risky situations, and encourages professionals to seek protection mechanisms with greater awareness, accessibility, and security.

KEYWORDS: Podcast, violence, journalists, Brazil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I.....	10
REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
1- Podcast.....	10
1.1. Podcast: conceitos e teorias.....	11
1.2 Técnicas de Produção de Podcast.....	13
1.3. História do Rádio e do Podcast no Brasil.....	15
2. Tema: Violência contra jornalistas.....	17
2.1 Violência contra jornalistas no Brasil.....	18
2.2 Impactos psicológicos da violência na rotina dos jornalistas.....	20
CAPÍTULO II.....	22
MEMORIAL.....	22
CAPÍTULO III.....	23
DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25
APÊNDICES.....	27
APÊNDICE I ROTEIRO.....	27
APÊNDICE II LOGO DO PROGRAMA.....	37
APÊNDICE III AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO.....	38

INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação passaram por transformações profundas ao longo das últimas décadas, acompanhando o avanço acelerado das tecnologias de informação. Em um passado relativamente recente, o rádio desempenhava papel central na mediação da informação, alcançando lares e espaços públicos com programações jornalísticas e de entretenimento que conquistaram grande audiência. Entretanto, o desenvolvimento tecnológico impulsionou a criação de novas plataformas e dispositivos, como a televisão e, posteriormente, os aparelhos móveis conectados à internet, modificando significativamente a forma como as pessoas consomem conteúdo e se relacionam com a informação.

Na atualidade, os smartphones permitem que o usuário esteja continuamente conectado às redes digitais. Nesse cenário, os meios tradicionais passaram a disputar atenção com formatos dinâmicos, flexíveis e adaptados à rotina das pessoas. Entre esses formatos, destaca-se o podcast, uma mídia que se consolidou como alternativa eficaz para o consumo de informação, entretenimento e aprendizado.

Nesse contexto, o produto deste TCC, o podcast *Editoria do Dia*, com o tema “Violência contra jornalistas”, foi criado para destacar e compreender o grave problema de variados tipos de agressões que os jornalistas sofrem e como esse fenômeno impacta no contexto profissional e social, mais especificamente no Brasil.

A violência contra jornalistas no Brasil aumentou bastante desde 2018, com a polarização política e a chegada de um político de extrema direita ao poder, Jair Bolsonaro, do Partido Liberal (PL), que foi eleito presidente da república em 2019. Ocorreu um aumento nos casos de agressões físicas, ameaças, perseguições e ataques virtuais contra profissionais da imprensa. O relatório da FENAJ de 2022, indica que no período de um ano, foram registrados 376 casos de violência contra jornalistas, com destaque para as agressões verbais e os ataques *on-line* (FENAJ, 2023, p. 7).

Sobre a metodologia empregada na produção do Podcast, a gravação do episódio, foi realizada em um estúdio, utilizando microfones AVX-835 - SENNHEISER, com auxílio do operador de vídeo do estúdio e câmeras profissionais de vídeo. A produção do programa foi realizada pelo autor deste trabalho, assim como a edição de vídeo do Podcast.

Ao debater esse tema com a jornalista Maria José Braga e o advogado Valério Luiz Filho, filho de um cronista esportivo que foi assassinado em 2012 por causa da sua atuação

enquanto comunicador, espera-se que o produto possa auxiliar a compreensão do tema e incentivar profissionais a buscarem os mecanismos de proteção, coibindo essas ações criminosas na sociedade.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1 - Podcast

O podcast é uma mídia de áudio que vem ganhando destaque no cenário da comunicação, especialmente com o avanço das tecnologias digitais e a popularização dos dispositivos móveis. Ele se destaca por sua versatilidade e acessibilidade, permitindo ao ouvinte consumir conteúdos informativos, educativos ou de entretenimento em qualquer lugar e momento.

Do ponto de vista da comunicação, o podcast representa uma forma alternativa e descentralizada de produção e distribuição de conteúdo. Ele rompe com a lógica tradicional ao permitir que qualquer pessoa com acesso a recursos básicos possa produzir e publicar seus próprios programas. O formato também permite explorar diferentes linguagens narrativas, como entrevistas, documentários sonoros e outros, dessa forma, contribuindo para a diversidade de vozes e pontos de vista na mídia.

Além disso, a flexibilidade de formatos e a facilidade de distribuição fazem do podcast uma ferramenta poderosa para a democratização da informação. Plataformas de streaming, aplicativos de áudio e redes sociais ampliaram o alcance dessas produções, permitindo que temas variados encontrem seus públicos de forma personalizada. Essa característica torna o podcast um meio eficiente para a formação de comunidades de interesse, conectando produtores e ouvintes em torno de assuntos específicos, sejam eles acadêmicos, culturais, políticos ou de entretenimento.

Outra característica relevante do podcast é a autonomia que oferece ao ouvinte. Diferente da programação comum das rádios, o podcast proporciona o consumo de acordo com a demanda, permitindo que o usuário escolha o que quer ouvir, quando e onde desejar ouvir. Essa liberdade de acesso e escolha fortalece a relação entre produtores e audiência, criando vínculos mais próximos e muitas vezes permitindo um diálogo mais direto e quase íntimo.

1.1. Podcast: conceitos e teorias

O podcast se consolidou como uma das mídias de grande alcance em todo mundo, proporcionando um novo formato para consumir conteúdos dos mais diversos gêneros. Seu formato permite a disseminação de conhecimentos de maneira acessível, atendendo a públicos variados e oferecendo possibilidades inovadoras de debate de ideias, comunicação e ensino. Segundo Costa e Silva (2023, p. 2), o podcast é um formato de mídia de áudio digital que se realiza através da distribuição desses arquivos pela internet, usando o recurso de disparo de seu RSS pelos seus agregadores". Esta definição ressalta bem a parte técnica do podcast e sua diferença em relação aos tradicionais programas de rádio.

Segundo a definição de Barbosa Filho (2003) sobre o gênero radiofônico, o podcast pode ser classificado dentro do gênero, se expandindo para a área de divulgação científica e cultural. Esse formato se destaca pela flexibilidade, permitindo que por exemplo, conteúdos acadêmicos e teóricos sejam apresentados de forma mais acessível e envolvente.

Já no quesito sobre o que é o podcast, se é uma mídia ou um gênero, Bonini (2011, p. 688) estabelece distinções importantes: "Entendo que a mídia seja um processo tecnológico de mediação da interação languageira. Em oposição ao gênero, que é uma unidade da interação languageira, a mídia é um elemento contextualizador no interior do qual o gênero circula.". Com base nisso, o podcast poderia ser classificado como uma mídia que propaga diversos gêneros textuais em formato digital. Perez (2009, p. 79) afirma que:

Se falamos de podcasting como termo, o fundamental é o seu uso e o entendimento das pessoas sobre ele. Esta utilização dá lugar a uma definição cada vez mais matizada e que, no caso do podcasting, diferencia se do broadcasting nas possibilidades de seleção e criação que oferece ao usuário da rede. A possibilidade de gerar e distribuir conteúdos livremente e de poder optar por uma oferta mais variada e menos centrada nos grandes grupos de comunicação, reconhecendo que, no momento atual, as grandes marcas de difusão seguem sendo as mais destacadas da atualidade.

Para além de definições e teorias, a estrutura de um podcast pode variar de acordo com a sua finalidade. No caso da divulgação educacional, por exemplo, a divisão em episódios pode contribuir para um melhor aproveitamento do conteúdo. Especialistas em diversas áreas podem participar de acordo com o tema abordado, auxiliando no conteúdo.

Já dentro do campo das teorias da comunicação, a utilização do podcast se justifica como uma forma de tornar as discussões acessíveis, ampliando o alcance de debates que ficam restritos aos ambientes acadêmicos.

Sobre o papel dos podcasts na sociedade, Lenharo e Cristovão (2016, p. 321) afirmam que "as novas tecnologias paradoxalmente servem a propósitos sociais antagônicos: de um lado elas viabilizam uma concentração de poder no nível global sem precedentes; do outro lado elas potencializam, no nível local, o acesso dos grupos socialmente desfavorecidos à informação e ao contato social fora dos limites geográficos das comunidades e grupos de origem, permitindo modos de participação social mais democráticos". Com isso, o podcast se apresenta como uma ferramenta democrática, capaz de promover a participação social e reduzir desigualdades de acesso à informação.

Além disso, o podcast se tornou um instrumento relevante para a comunicação científica. Costa e Silva (2023, p. 1) afirmam que "os podcasts científicos têm o potencial de tornar a ciência mais acessível e compreensível para o público em geral", desempenhando um papel fundamental na democratização do conhecimento. A utilização dessa mídia na divulgação científica permite a ampliação do público.

O podcast, como destaca Lievrouw (1990), pode ser inserido nas três etapas do ciclo de comunicação científica, especialmente na fase de popularização, "em que se há a socialização do conhecimento científico". Nesse processo, a adaptação de linguagens e formatos é fundamental para que a ciência cumpra seu papel social de instrumento para o desenvolvimento e transformação da sociedade. Então o podcast se configura como uma alternativa viável para a discussão de teorias da comunicação, permitindo que conceitos complexos sejam debatidos em uma linguagem mais acessível. Sua dinâmica permite o diálogo entre especialistas e o público, contribuindo para uma maior compreensão das ideias tratadas no programa.

O aumento do consumo de podcasts no Brasil reforça a relevância dessa mídia. Durante os anos de 2020 e 2021, a audiência de podcasts cresceu 33%, alcançando cerca de 28 milhões de ouvintes no país. Esse crescimento aponta para uma oportunidade de explorar essa ferramenta como meio de divulgação do conhecimento e de forma mais acessível.

1.2 Técnicas de Produção do Podcast

A produção de um podcast envolve uma série de etapas que vão desde a criação da ideia até a distribuição e divulgação do conteúdo final. O planejamento é o ponto de partida fundamental, pois é nele que definimos o tema, o público-alvo, a periodicidade, a identidade sonora e o formato do programa. Isso permite maior liberdade criativa, sendo possível experimentar formatos como storytelling, entrevistas, debates ou até mesmo narrativas ficcionais. Essa liberdade, no entanto, exige um planejamento que alinhe o conteúdo à identidade proposta e às expectativas do público.

O processo técnico envolve três grandes momentos: pré-produção, gravação e pós-produção. A pré-produção se passa pela elaboração de roteiros, escolha de equipamentos e definição de pautas. Durante a gravação é necessário garantir a qualidade do áudio, utilizando microfones adequados e ambientes com pouca interferência. Já na pós-produção, realiza-se a edição do material, inserção de trilhas e vinhetas, além da masterização final. Como explica Vicente (2018, p. 105), ao contrário do rádio ao vivo, o podcast permite uma produção mais elaborada, com montagem cuidadosa e sonoplastia apurada, o que proporciona uma experiência mais imersiva ao ouvinte. Plataformas como Libsyn, Buzzsprout e Podbean não apenas hospedam os episódios, mas também oferecem ferramentas para medir a audiência, promover interações e facilitar a distribuição em serviços como Spotify e Deezer. Com isso, a produção de podcasts torna-se cada vez mais profissionalizada, mesmo em iniciativas independentes.

Além das etapas básicas de produção, é importante considerar os diferentes formatos que um podcast pode ter. Segundo Vicente (2018, p. 105), a variedade de programação é uma das características que diferenciam o podcast do rádio convencional. É possível encontrar produções em forma de conversa entre apresentadores, entrevistas com convidados, storytelling narrativo, debates, leituras dramatizadas, entre outros. Essa diversidade permite que o produtor escolha o formato mais adequado ao seu conteúdo e a experiência que deseja proporcionar ao ouvinte.

O roteiro é uma ferramenta primordial nesse processo, variando de acordo com o estilo do podcast. Programas mais espontâneos e descontraídos podem trabalhar com roteiros-guia, com tópicos soltos para manter a dinâmica da conversa. Já produções mais roteirizadas, como os podcasts narrativos, exigem roteiros detalhados, com marcações de fala, pausas, efeitos sonoros e indicações de trilha sonora.

Quanto às ferramentas e equipamentos, a produção pode ser iniciada com recursos acessíveis, como microfones USB e gravadores simples. No entanto, de acordo com que a produção se torna mais sofisticada, surgem demandas por microfones ainda melhores, interfaces de áudio, isolamento acústico e softwares de edição profissional. A qualidade sonora, por exemplo, é fundamental para a credibilidade da produção.

A escolha do software de gravação e edição também influencia diretamente a qualidade do produto final. Vieira e Azevedo (2022, p. 16) destacam que, ferramentas como Audacity, Anchor e Reaper são frequentemente utilizadas devido à sua facilidade de acesso e robustez. Mas é válido ressaltar, mesmo com o uso de softwares gratuitos, a criatividade e a dedicação dos produtores podem garantir resultados muito profissionais, especialmente quando são considerados elementos como a aplicação correta de gêneros textuais, a adaptação do conteúdo à linguagem oral e o uso adequado de efeitos sonoros para enriquecer o produto do podcast.

Outro ponto fundamental é a distribuição. Como observa Vicente (2018, p. 104), o podcast deixou de ser vinculado exclusivamente ao download por RSS e passou a ser amplamente consumido via streaming, em plataformas como Spotify, Deezer e Apple Podcasts. Essas plataformas não apenas facilitam o acesso ao conteúdo, mas também oferecem estatísticas de audiência, que são fundamentais para medir o desempenho e buscar melhorar o conteúdo.

Vale ressaltar ainda o papel do podcast como ferramenta de integração e desenvolvimento de habilidades. Segundo Vieira e Azevedo (2022, p. 6), a produção de podcasts promove competências como o planejamento, o trabalho em equipe, a oralidade e o pensamento crítico. Eles observam que o formato proporciona um espaço de protagonismo para os produtores, além de promover a interdisciplinaridade entre diferentes áreas do conhecimento, contribuindo para um aprendizado mais significativo.

Dessa forma, a produção de um podcast vai além da simples gravação de áudios: é um processo que envolve várias habilidades técnicas, criativas e estratégicas, exigindo organização, pesquisa e domínio de ferramentas específicas para que o produto final tenha qualidade, relevância e alcance.

1.3. História do Rádio e do Podcast no Brasil

A história do rádio no Brasil remonta às primeiras décadas do século XX, com experiências pioneiras como a da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923. Essa emissora é frequentemente citada como a primeira do país, embora haja registros de iniciativas anteriores, como a Rádio Clube de Pernambuco, que em 1919 já realizava transmissões experimentais, conforme conta Vaz Filho (2009, p. 90).

Nos anos 1930, o rádio consolidou-se como um veículo de massa, especialmente após a Revolução Constitucionalista de 1932, quando emissoras como a Rádio Record de São Paulo desempenharam um papel crucial na divulgação de informações e na mobilização popular. Nicolau Tuma, locutor da Record, destacou que o rádio foi utilizado "como arma de guerra, alimentando o entusiasmo da frente e estimulando a retaguarda" (Vaz Filho, 2009, p. 48).

A década de 1930 também marcou a profissionalização do meio, com o surgimento de programas de auditório, radionovelas e a aproximação do rádio com o Estado. Getúlio Vargas, por exemplo, utilizou o programa A Voz do Brasil como instrumento de propaganda política, como relatado por Vaz Filho (2009, p. 79).

Os anos 1940 e 1950 tiveram a Rádio Nacional do Rio de Janeiro liderando a produção de entretenimento e informação. A Nacional tornou-se lendária por seus programas musicais e dramáticos, como as radionovelas, que atraíam milhões de ouvintes.

No entanto, com o surgimento da televisão na década de 1950, o rádio perdeu espaço na preferência do público. Apesar disso, o rádio se adaptou e conseguiu manter sua relevância como meio de informação rápida e acessível, conforme conta Vaz Filho (2009, p. 159).

Durante o período da ditadura militar (1964-1985), o rádio desempenhou um papel tanto de resistência quanto de instrumento de controle, a depender da emissora e da linha editorial adotada.

Segundo Avrella e Alexandre (2014, p. 1) os anos 1980 e 1990, com a evolução das redes de rádio, surgiram as grandes cadeias nacionais e regionais, como a Rádio Globo, Bandeirantes, Jovem Pan e Transamérica. A formação das redes permitiu maior padronização de conteúdo, além de expandir para cidades do interior, levando a informação e o entretenimento a todo o país. O avanço tecnológico trouxe mudanças ainda mais profundas. A transição do sistema analógico para o digital possibilitou melhorias na

qualidade do som e a expansão das rádios via internet, rompendo as barreiras geográficas. Surgiram as webs rádios e as transmissões via streaming, permitindo que o rádio pudesse ser ouvido em computadores, smartphones e outros dispositivos móveis.

Atualmente, o rádio permanece muito relevante, embora tenha mudado sua forma de atuação. O rádio digital e a integração com redes sociais possibilitaram maior interação com os ouvintes. Além disso, muitos programas tradicionais se adaptaram ao formato online, disponibilizando gravações para serem ouvidas sob demanda. Apesar da modernização, o rádio conserva sua essência: ser uma companhia diária, ágil, próxima do público e extremamente resiliente às mudanças.

No universo do futebol, atualmente, inúmeras webs rádios foram criadas no YouTube, onde um simples narrador e um comentarista conseguem realizar a transmissão via áudio de uma partida de futebol para milhões de pessoas simultaneamente. A rádio Craque Neto¹ é o principal exemplo nesse ponto.

O podcast, herdeiro digital do rádio, emergiu no Brasil na década de 2000, impulsionado pela popularização da internet e dos dispositivos móveis. Inspirado no modelo de transmissão sob demanda, o podcast permitiu que produtores independentes e grandes emissoras criassem conteúdo sem as limitações de horário e frequência do rádio tradicional.

Assim como o rádio nos anos 1930, o podcast brasileiro passou por uma fase experimental antes de se consolidar. Inicialmente, programas como o NerdCast² (criado em 2006) demonstraram o potencial do formato para debates aprofundados e nichos específicos. O NerdCast, focado em cultura nerd, ciência e literatura, foi um dos primeiros a conquistar grande audiência.

Com o passar dos anos, a variedade e a qualidade dos podcasts cresceram. Nos anos 2010, surgiram produções de destaque como o Café da Manhã³ (da Folha de S. Paulo em parceria com o Spotify) e o Mamilos⁴, focado em discussões sociais e culturais. A pandemia de COVID-19, em 2020, impulsionou ainda mais o formato, ampliando a audiência e profissionalizando a produção de podcasts. O Flow Podcast⁵, lançado em 2019,

¹ Rádio Craque Neto, possui 2 milhões e 900 mil inscritos e 3 milhões e 100 mil vídeos publicados. Acesso neste link: <https://www.youtube.com/c/R%C3%A1dioCraqueNeto>

² Nerd Cast, Acesso neste link: <https://jovemnerd.com.br/podcasts/nerdcast>

³ Café da Manhã. Acesso neste link: <https://www1.folha.uol.com.br/especial/2019/cafe-da-manha/>

⁴ Mamilos. Acesso neste link: <https://www.youtube.com/channel/UCVYbjLZeD1sWzbxSd3TBXDw>

⁵ Flow Pode Cast. Acesso neste link: <https://www.youtube.com/c/flowpodcast>

tornou-se um fenômeno nacional ao apostar em entrevistas longas e descontraídas com celebridades, políticos, influenciadores e especialistas de diversas áreas.

Hoje, o Brasil é um dos países que mais consomem podcasts no mundo, com plataformas como Spotify, Amazon Music, Deezer e Globoplay investindo fortemente no formato.

2. Tema: Violência contra jornalistas

A violência contra jornalistas se tornou um fenômeno preocupante e crescente no cenário brasileiro e mundial. Essa realidade ameaça diretamente os princípios democráticos, a liberdade de imprensa e o direito da sociedade à informação. A atividade jornalística, por sua natureza, investiga e apura os fatos de interesse público. Historicamente, esteve sujeita a diferentes formas de repressão, mas nos últimos anos o nível de hostilidade atingiu patamares alarmantes, especialmente no Brasil.

O agravamento deste fenômeno pode ser observado a partir de estatísticas preocupantes. Segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), o ano de 2022 registrou um total de 376 casos de violência contra jornalistas, o que evidencia um aumento em relação aos anos anteriores (FENAJ, 2023, p. 7). Esse cenário reflete alguns fatores, como a polarização política, disseminação de discursos de ódio nas redes sociais e a pioras nas condições de trabalho da profissão.

Já a pesquisa da FENAJ do ano de 2024 registrou 144 casos de agressão contra profissionais da imprensa. Os números fazem parte do Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil 2024. “Apesar da redução no número de casos, a Fenaj avalia que a violência contra jornalistas no país segue em patamar preocupante” (Laboissière, 2025, p. 1).

Conforme Rios e Bronosky (2019, p. 54), a violência contra os jornalistas no Brasil possui peculiaridades específicas que vão além das agressões físicas. Manifesta-se, também, por meio de ameaças, assédio moral, ataques cibernéticos, deslegitimação pública e tentativas de silenciamento por parte de agentes estatais e não estatais. Esse contexto de hostilidade afeta não apenas os jornalistas de forma individual, mas também coloca em cheque a própria democracia, já que compromete o direito da sociedade de ser informada com qualidade e isenção.

A crescente piora das condições de trabalho no jornalismo no Brasil também contribui para a vulnerabilidade dos jornalistas. Além disso, o fenômeno da violência contra jornalistas é agravado por fatores como o avanço de ideologias autoritárias que buscam enfraquecer a credibilidade da imprensa tradicional. Como destaca Jung e Schwaab (2022, p. 21), há uma tentativa deliberada de setores políticos em diminuir e deslegitimar o trabalho jornalístico, criando um ambiente de desconfiança e hostilidade que alimenta os ataques contra os profissionais.

Diante deste cenário, se torna essencial dar atenção a discussão sobre a violência contra jornalistas, quais os motivos e formas de manifestação e impactos. Este trabalho busca explorar esses aspectos com foco no contexto brasileiro e nos efeitos psicológicos vivenciados pelos profissionais da área, considerando a necessidade de políticas públicas e ações que garantam a segurança e a integridade dos jornalistas.

2.1 Violência contra jornalistas no Brasil

A violência contra jornalistas no Brasil tem se intensificado de maneira extremamente preocupante, especialmente desde 2018, com a polarização política. Vários estudos apontam para um aumento expressivo nos casos de agressões físicas, ameaças, perseguições e ataques virtuais contra profissionais da imprensa (Fenaj, 2023, p. 7).

Segundo Fregatto e Ota (2023, p. 2), o cenário político brasileiro contribuiu diretamente para esse aumento de violência. Durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro os ataques contra a imprensa se tornaram frequentes e corriqueiros. Bolsonaro usou seus discursos públicos para desqualificar o trabalho jornalístico, chegando ao ponto de promover ofensas pessoais a jornalistas em coletivas de imprensa e em suas redes sociais.

Essa postura institucionalizou uma cultura de desrespeito à imprensa, legitimando agressões que anteriormente não eram tão frequentes. Conforme apontado por Tuzzo e Temer (2021, p. 60), o discurso de ódio propagado pelo bolsonarismo teve impacto direto na segurança dos jornalistas, em especial das mulheres jornalistas, profissionais da imprensa e da comunicação, que passaram a ser alvo de ataques misóginos, tanto nas redes sociais como presencial.

Outro aspecto relevante é o impacto da pandemia de Covid-19 no aumento da violência contra jornalistas. Conforme Lima, Cunha e Barbosa (2024, p. 3), durante a

pandemia a cobertura jornalística foi marcada por conflitos entre os profissionais da imprensa e os grupos negacionistas, incluindo o próprio governo federal. Jornalistas que cobriam os factuais da crise sanitária passaram a ser vistos como inimigos por parte da população, principalmente por divulgarem informações contrárias ao discurso oficial do então presidente Jair Messias Bolsonaro, que adotou discursos negacionistas.

A atuação das organizações de defesa dos jornalistas tem sido fundamental para monitorar e denunciar os casos de violência. Segundo Jung e Schwaab (2022, p. 10), entidades como a FENAJ e a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) têm desempenhado um papel importante e fundamental na produção de relatórios e na cobrança por políticas públicas de proteção.

Apesar dos esforços dessas entidades, o Brasil segue entre os países com maiores índices de violência e impunidade em crimes contra jornalistas. O relatório da Organização Repórteres Sem Fronteiras, citado por Tuzzo e Temer (2021, p. 60), aponta que o país ocupa o 107º lugar no ranking mundial de liberdade de imprensa, evidenciando a gravidade dessa situação.

Em Goiânia, um fato que chamou a atenção da sociedade foi o assassinato do cronista esportivo Valério Luiz, crime que ocorreu no dia 5 de julho de 2012, quando Valério saía da emissora de rádio em que trabalhava, na região sul da capital de Goiás. As investigações apontaram que a motivação do crime foram as críticas feitas pelo jornalista contra a direção do Atlético-GO, time no qual Maurício Sampaio foi presidente e à época era diretor. Em julgamento realizado em 2024, Maurício Sampaio foi condenado a pagar indenização de mais de R\$ 700 mil à viúva de Valério Luiz e foi sentenciado a 16 anos de prisão pelo assassinato do cronista esportivo (Melo, 2024).

Em casos mais recentes, em 2025 durante show do cantor Evoney Fernandes, em Palmeirópolis, no Estado do Tocantins, a jornalista Rozineide Gonçalves foi impedida por seguranças de realizar seu trabalho e foi arrastada com violência para fora do evento. A agressão ocorreu no momento em que ela tentava gravar a abordagem dos seguranças (FENAJ, 2025).

No dia 15 de junho de 2025, no Rio de Janeiro, no estádio Maracanã, após o término do jogo entre Fluminense e Atlético Goianiense, o jornalista e assessor do clube goianiense, Álvaro de Castro foi covardemente agredido pelas costas por Felipe Melo, jogador do Fluminense. O jornalista foi arremessado para dentro do campo após o empurrão dado por

Felipe Melo. No julgamento realizado no dia 3 de julho pelo STJD – Superior Tribunal de Justiça Desportiva, o atleta foi suspenso em apenas um jogo e o jornalista suspenso em 15 dias, sob a alegação de que teria “invadido” o campo (FENAJ, 2025).

Durante uma entrevista coletiva com a presença do governador Ronaldo Caiado, ocorrida dia 3 de julho de 2024, em Trindade, Estado de Goiás, o jornalista Hiago Miguel foi agredido fisicamente por funcionários da Prefeitura de Trindade, gestão do prefeito Marden Junior. O jornalista sofreu vários ferimentos no rosto e nas mãos, gravou um depoimento em sua rede social e prestou queixa do ocorrido (FENAJ, 2025).

Na manhã do dia 30 de setembro de 2024, uma equipe da TV Globo sofreu uma tentativa de agressão na porta da emissora. Eles estavam prontos para entrar ao vivo na Globo News quando uma mulher tentou acertar o repórter cinematográfico com o tripé de iluminação. O profissional conseguiu se defender e não se machucou (FENAJ, 2025).

Diante deste cenário, é imprescindível que sejam criadas medidas efetivas para garantir a segurança dos jornalistas no Brasil. Políticas públicas de proteção, fortalecimento das entidades e a responsabilização dos agressores são algumas das várias ações necessárias para combater a violência e assegurar a liberdade de imprensa.

2.2 Impactos psicológicos da violência na rotina dos jornalistas

Os impactos da violência contra jornalistas não ficam apenas nos danos físicos ou nas restrições do exercício da profissão. Eles também afetam diretamente a saúde mental dos profissionais de imprensa, provocando consequências emocionais e psicológicas pesadas que influenciam na qualidade de vida e no desempenho profissional (Lima; Cunha; Barbosa, 2024, p. 3).

Lima, Cunha e Barbosa (2024, p. 3) destacam que as experiências de violência como ameaças, intimidações, assédio moral e agressões virtuais desencadeiam sintomas de ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e até mesmo pensamentos suicidas. Essa situação é piorada com o medo constante de novas agressões, o que leva muitos jornalistas a desenvolverem quadros de sofrimento crônico.

O estudo de Fregatto e Ota (2023, p. 1) confirma esse panorama ao revelar que 66,2% dos jornalistas brasileiros se sentem constantemente estressados em função das ameaças e pressões sofridas. Além disso 31,4% dos entrevistados afirmaram já ter

recebido prescrição para uso de antidepressivos, evidenciando o grau de comprometimento da saúde mental desses profissionais.

As mulheres jornalistas são particularmente vulneráveis aos efeitos psicológicos da violência. Tuzzo e Temer (2021, p. 65) apontam que os ataques de caráter misógino, que incluem xingamentos, insultos e ameaças de violência sexual, causam danos emocionais profundos e podem levar ao afastamento das atividades profissionais por motivo de saúde.

Outro fator preocupante é a banalização da violência. Lima, Cunha e Barbosa (2024, p. 9) mostram que parte da população passou a naturalizar as agressões contra jornalistas. Essa banalização e os quadros recorrentes podem agravar os quadros de adoecimento psicológico e levar à desistência da carreira.

Diante desse quadro, é fundamental que sejam implementadas políticas de saúde mental voltadas aos jornalistas. A criação de espaços de acolhimento psicológico, oferecimento do próprio acompanhamento psicológico e o desenvolvimento de protocolos de segurança são medidas urgentes para proteger a saúde emocional dos profissionais de imprensa, jornalismo e comunicação.

A violência contra jornalistas não atinge apenas a pessoa, mas também tem reflexos diretos na qualidade da informação e no direito da sociedade ao acesso a notícias confiáveis. O adoecimento psicológico dos jornalistas compromete a produção de conteúdos jornalísticos críticos, investigativos e de interesse público, o que impacta diretamente na democracia.

CAPÍTULO II

MEMORIAL

Caio Gomes Mounif Jamal

Conciliar dois empregos com a faculdade não é nada fácil. Foi neste cenário que entrei no sétimo período do curso de jornalismo, dando início ao meu trabalho de conclusão de curso. O fato de ter trancado minha matrícula durante dois anos e meio, contribuiu para que eu não estivesse fixo em uma turma, logo, optei por realizar este trabalho sozinho, o que foi um enorme desafio.

Confesso que, quando idealizava meu TCC, pensava em produzir um outro produto, um documentário, porém, como sabia que estava sozinho, optei por um formato mais acessível à minha situação: o podcast. A escolha do tema também se passou por uma busca de algo importante e palpável ao mesmo tempo. Por meio de contatos profissionais e do auxílio de minha orientadora, cheguei aos nomes da Maria José Braga e do Valério Luiz Filho.

Contactar os entrevistados foi tarefa fácil, porém, alinhar uma data em que todas as partes estivessem disponíveis, foi um pouco trabalhoso. A escolha do estúdio “Podcast Goiás” foi por uma indicação de um amigo, consegui marcar uma data, porém, no dia da gravação, uma das partes precisou remarcar. Após o ocorrido, consegui remanejar e enfim realizamos a gravação.

Como o episódio ficou com mais de 50 minutos na íntegra, foi necessário realizar a edição para o tempo determinado pelo Regulamento de Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo da PUC Goiás, de no máximo 25 minutos. Eu mesmo, por meio do aplicativo de edição CAP CUT, realizei a edição do produto.

O único auxílio externo que tive foi na produção da vinheta, que ganhei do videomaker Erik Felipe Coelho Vilas, feita com base no nome do podcast: Editoria do dia.

Apesar das dificuldades por realizar sozinho o Trabalho de Conclusão de Curso, a realização deste trabalho me possibilitou um enorme amadurecimento, além de ter sido enriquecedor no quesito de produção e no estudo do tema abordado, “Violência contra jornalistas”.

CAPÍTULO III

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto que acompanha este trabalho escrito tem como título Editoria do Dia: um podcast em formato de vídeo e áudio com o tema do episódio piloto em "Violência contra jornalistas".

A vinheta do produto foi produzida pelo videomaker Erik Felipe Coelho Vilas Boas, utilizando o programa Adobe Premiere Pro. Foi criada a produção da logo com base no nome "Editoria do dia", acrescentada a trilha e o efeito para a criação da vinheta.

O podcast na gravação integral teve 51 minutos e 32 segundos, porém, após a edição, ficou com 22 minutos e 33 segundos. A entrevista com os dois convidados ocorre de forma livre, com perguntas do host (o autor deste trabalho) e respostas da Maria José Braga e do Valério Luiz Filho. A escolha de ambos se passou pelo fato de que Maria José presidiu a Federação dos Jornalistas (FENAJ), também o Sindicato de Jornalistas do Estado de Goiás, com muito conhecimento sobre o assunto. Já o advogado Valério Luiz Filho enfrentou o trágico assassinato do pai, o jornalista Valério Luiz, passando a estudar o tema e participando de palestras e programas sobre o assunto.

Sobre a metodologia empregada, para a gravação do episódio, foi alugado a hora no estúdio Podcast Goiás, utilizando microfones AVX-835 - SENNHEISER, com auxílio do operador de vídeo do estúdio e câmeras de vídeo profissionais. A produção do Podcast foi realizada pelo autor deste trabalho, assim como a edição de vídeo do programa, realizada Com a utilização do aplicativo de edição CAP CUT.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com toda certeza, o podcast veio para ficar. Muito acessível ao mundo globalizado e tecnológico, ele se encaixa na rotina das pessoas, além de conter um formato que aproxima o público e possibilita o acesso aos mais diversos temas.

O problema da violência contra jornalistas impacta diretamente na sociedade e leva risco à democracia. Por isso, abordar um assunto tão sério neste formato tão acessível possibilita uma visibilidade e atinge mais pessoas do que em um outro formato tradicional, formal e mais antigo.

Logo, unir este formato moderno a um tema urgente na sociedade representa uma forma de atingir a população com assuntos emergentes em todo mundo. O formato também aproxima o público e aumenta o engajamento em temas que, por muitos anos, passaram despercebidos. Sugere-se que outros trabalhos jornalísticos sejam realizados sobre esse tema, para que uma consciência pacificadora e de respeito ao jornalista seja criada nos próximos anos no Brasil.

REFERÊNCIAS:

AVRELLA, Bárbara; ALEXANDRE, Tássia Becker. **A trajetória histórica das redes de rádio no Brasil**. 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul, 2014.

Disponível em: https://alcarsul2014.sites.ufsc.br/wp-content/uploads/2014/10/GT_m%C3%ADdiasonora_B%C3%A1rbara_Avrella_T%C3%A1ssia_Becker.pdf Acesso em: 03 jun. 2025.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BONINI, Tiziano. **A “segunda era” do podcasting**: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. *Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Ouro Preto, v. 11, n. 01, p. 13-32, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315> . Acesso em: 11 jun. 2025.

COSTA, Camila Martinelli; SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. **Podcast como ferramenta para comunicação científica**: um estudo sobre a divulgação da Ciência da informação. 2024. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/89539> . Acesso em: 11 jun. 2025.

FENAJ - FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Relatório da violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contrajornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/> . Acesso em: 01 jun. 2025.

FENAJ – FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Relatório da violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**, 2024. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2025/05/Relatorio-da-Violencia-2024.pdf> Acesso em: 12 nov. 2025.

FIGUEIRA, Ana Cristina Peixoto; BEVILAQUA, Diego Vaz. **Podcasts de divulgação científica**: levantamento exploratório dos formatos de programas brasileiros. 2022. Disponível em: <https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2427> . Acesso em: 04 jun. 2025.

FREGATTO, Eduardo Rafael; OTA Daniela Cristiane. **Imprensa sob ataque**: a violência contra jornalistas em um contexto de precarização e adoecimento no trabalho. 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/su_bmissao/regional/9/04272023210256644b0d30ae69d.pdf . Acesso em: 08 jun. 2025.

JUNG, Cleusa; SCHWAAB, Reges. **Violência contra jornalistas no Brasil**: análise discursiva de relatórios de organizações de defesa da liberdade de expressão. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/25765> . Acesso em: 04 jun. 2025.

LABOISSIÉRE, Paula. **Fenaj**: violência contra jornalistas cai, mas tem patamar preocupante, Agência Brasil, 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-05/fenaj-violencia-contrajornalistas-cai-mas-tem-patamar-preocupante> Acesso em: 15 nov. 2025.

LENHARO, Rayane Isadora; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. **Podcast, participação social e desenvolvimento**. 2016. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000100307&lng=es&nrm=iso . Acesso em: 10 jun. 2025.

LIEVROUW, 1990. **Communication and the social representation of scientific knowledge**. Critical Studies in Mass Communication, 7(1), 1–10. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15295039009360159> . Acesso em: 11 jun. 2025.

LIMA, Laura Camara; CUNHA, Rafaella Carnevalli; BARBOSA, Bruna da Silva. **Jornalistas vítimas de violência: estudo das circunstâncias e repercussões subjetivas**. 2024. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cpst/article/view/209046> Acesso em: 30 mai. 2025.

MELO, Thauany. **Caso Valério Luiz: Maurício Sampaio é condenado a pagar mais de R\$ 700 mil à viúva de radialista morto**, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2024/08/27/caso-valerio-luiz-mauricio-sampaio-e-condenado-a-pagar-mais-de-r-700-mil-a-viuv-a-de-radialista-morto.ghtml> Acesso em: 15 nov. 2025.

PEREZ, 2009, **Podcasting: distribución de contenidos Sonoros y nuevas formas de negocio en la empresa radiofónica española**. Tese de doutorado. Universidade Complutense de Madrid, Madri.

RIOS, Flávia; BRONOSKY, André. **Ameaça à sociedade: violência contra jornalistas no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/81064> . Acesso em: 02 jun. 2025.

TUZZO, Simone Antoniaci; TEMER, Aana Carolina Rocha Pessôa. **Violência contra jornalistas em uma sociedade polarizada: o caso das jornalistas de televisão no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://midiademocracia.fgv.br/estudos/journalists-under-attack-violence-against-traditional-media-and-gender-based-violence> . Acesso em: 13 jun. 2025.

VAZ FILHO, Pedro Serico. **A história do rádio brasileiro na perspectiva dos jornais e revistas do século XX**. 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-3129-1.pdf> . Acesso em: 31 mai. 2025.

VICENTE, Eduardo. **Do rádio ao podcast: novas práticas de produção e escuta sonora**. 2018. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002906541.pdf> . Acesso em: 04 jun. 2025.

VIEIRA, Erika Fonseca; AZEVEDO, Breno Fabrício Terra. **Sequência didática: produção de podcast como apoio ao ensino para projetos integradores**. 2022. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/705482> . Acesso em: 07 jun. 2025.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - ROTEIRO

Editoria do Dia - Episódio Violência contra jornalistas

Duração: 22:33	Bloco único
TEC	BG: Vinheta de abertura
LOC	BG: – Fala Caio Mounif: Olá, sejam bem-vindos ao podcast-videocast Editoria do Dia. Eu sou Caio Mounif, apresentador, eu sou acadêmico do curso de jornalismo. Esse videocast tem o propósito de trazer assuntos diversos, importantes para a sociedade, falar o que precisa ser dito. E eu na apresentação hoje tenho prazer aqui no episódio piloto que não poderia ter um tema mais importante eu como acadêmico de jornalismo que é justamente sobre um tema urgente na sociedade que é a violência contra jornalistas algo que cresceu bastante números que crescem a cada ano aqui no Brasil. E hoje, ao meu lado, estamos com a Maria José, que já foi presidente da FENAJ, presidente do Sindicato de Jornalistas aqui de Goiás. Maria José Braga trabalhou muitos anos no Jornal O Popular. Muito obrigado pela sua participação, Maria José. Seja bem-vinda. Fala Maria José: Muito obrigada pelo convite. É sempre bom debater esse tema. Fala Caio Mounif: E também com o Valério Luiz, Valério Luiz de Oliveira Filho, que também vai participar aqui hoje. Seja bem-vindo, Valério. Fala Valério Luiz: Muito obrigado. É um tema que, assim como Maria José, já debatem há muitos anos e, enfim, faz parte da minha vida já. Fala Caio Mounif: Eu vou começar com uma pergunta para você, Maria José, porque como você enxerga o cenário atual da violência contra jornalistas aqui no Brasil?

LOC	Maria José: Nós temos um cenário que continua sendo preocupante. Tivemos um decréscimo dos casos de agressões a jornalistas no ano passado, em 2024, e ao que tudo indica, esse ano de 2025 também haverá um decréscimo. Mas esse decréscimo ainda é alarmante porque os números são altos. Nós saímos de um período de quatro anos de agressões diárias às jornalistas e, especialmente, agressões cometidas pelo próprio poder público na pessoa do então presidente Jair Bolsonaro. Nos quatro anos de governo do Jair Bolsonaro, a gente teve uma explosão dos casos de agressões contra jornalistas e de descriminalização da imprensa, mas caíram os números a partir do que nós chamamos da volta de um governo democrático, Mas esses números continuam alarmantes. Por exemplo, em 2024, nós tivemos 144 casos de agressões a jornalistas. Numa democracia, nós defendemos que não haja agressões a jornalistas. O jornalista cumpre a função importantíssima de levar informação de interesse público para a sociedade. E se essa informação desagrade alguém, algum grupo, alguma empresa, qualquer que seja a, vamos dizer assim, a instituição ou pessoa que não se sente contemplada com a notícia, ela tem os meios, inclusive judiciais, para buscar a participação e até a reparação. A violência contra jornalistas é uma manifestação absolutamente inaceitável e que demonstra a falta de espírito público, a falta de compreensão do papel que o jornalismo e que os meios de comunicação que fazem jornalismo exercem para a sociedade. Então, nenhuma agressão à jornalista é uma agressão à jornalista, ao jornalista ou à jornalista. As agressões, elas têm um objetivo claro, que é de cercear a livre circulação da informação jornalística e, por isso, é muito grave. Caio Mounif: Valério, até com dados que a própria FENAJ divulgou, em 2018, ano em que o Jair Bolsonaro foi eleito, os números foram 135 agressões no Brasil, episódios de violência contra jornalistas, e esse número em 2020, no segundo ano de mandato dele, vai para 428. É um número muito expressivo. Depois, em 2021, sobe ainda dois casos, 430.
-----	---

E aí agora que vem essa queda, após a mudança no governo federal, E você enxerga dessa forma também, com relação ao, durante o governo Jair Bolsonaro, a classe em si, os profissionais da comunicação ficaram à mercê de um governo que em todo momento se demonstrou muito ofensivo com a imprensa.

Valério Luiz: Quando alguém está no cargo máximo da república, o que essa pessoa faz, ela não está fazendo como um cidadão particular. Um cargo dessa representatividade, tudo que aparece no espaço público tem um potencial contagiador. E tudo que é autorizado a aparecer no espaço público tem uma aura de ilegitimidade. Então por isso que tudo aquilo que o presidente da república fala ou faz influencia pessoas. É por isso que inclusive até as falas dele no que se respeita à pandemia não podem ser tidas como uma opinião particular da pessoa Jair Bolsonaro. Na condição de um presidente da república se pronunciando, a nação está se pronunciando, na condição de um chefe de estado, de um chefe de governo, tem que ter consciência que as palavras, numa circunstância como essa, têm consequências concretas. Isso que as pessoas não entendem bem quando vão falar sobre liberdade de expressão, inclusive. A liberdade de expressão, as palavras, muitas vezes têm consequências no mundo real. Não é porque é a palavra que elas saem andando por aí e não tem consequência nenhuma. Toda forma de violência é, antes dela ser violência física, mobilizada por uma espécie de discurso. Ninguém vai chegar do nada e e agredir alguém. Geralmente existe um discurso prévio que mobilizou aquela pessoa para isso. E com jornalistas não foi diferente. A gente viu realmente uma postura mais agressiva do governo federal no que diz respeito ao que a gente chama de imprensa tradicional, que são os veículos de rádio, veículos de tv e tudo, e como a Maria José diz, com um objetivo que é um objetivo claro, que é permitir a predominância das informações veiculadas pelos grupos de WhatsApp, eu acredito que hoje, também, a circulação de informação, pura e simplesmente, já não está restrita ao

que a gente chama de jornalistas ou aos veículos de informação como rádio e TV. Ainda mais quando o advento das redes sociais. Qualquer pessoa pode transmitir informações para milhares de pessoas. Agora, esses veículos ainda têm uma responsabilidade social pelo tratamento da informação, por fazer uma checagem, por fazer uma verificação dos fatos, por checar fontes, de dar informação com responsabilidade. Esse é um papel que a imprensa exerce e é esse papel que estava sendo atacado. Se determinada informação que estava sendo indiscriminadamente veiculada, seja pelo WhatsApp, seja pelo Telegram, alguma outra forma de aplicativo de comunicação ou de rede social, se a imprensa vinha e fazia uma checagem ou fazia um contraponto a esse discurso, aí instantaneamente era atacada e isso com certeza influenciou a violência contra jornalistas, e isso que é interessante. Influenciada pelo poder público, mas durante esse período o poder público influenciou as próprias pessoas. A hostilizar e atacar os jornalistas, o que é uma característica de governos autoritários. Nenhum governo sobrevive sem apoio. Então, os governos autoritários fazem isso. Eles meio que espalham, eles contaminam de violência os seus apoiadores, de forma que muitas vezes nem o Estado precisa, ele mesmo, através da força oficial ir lá e oprimir, porque a própria população oprime.

LOC	Caio Mounif: E aí, Valério, eu vou conversar com você agora sobre talvez o caso mais emblemático do nosso estado de Goiás, de um ataque à imprensa que foi com o seu pai, Valério Luiz, que foi assassinado em 2012. O contexto do assassinato, para contextualizar aqui, é no dia 5 de julho de 2012, que o cronista esportivo, o jornalista esportivo Valério Luiz, na porta da rádio em que trabalhava, Ele, a mando de Maurício Sampaio, que é um ex-dirigente do Atlético Clube Goianiense, ele foi assassinado, né? Um crime que foi orquestrado por conta de críticas que o seu pai fazia à gestão do Atlético Clube Goianiense naquela época, certo? Valério Luiz: Exatamente. Inclusive, você estava falando da série judicial? No ano passado eu compus lá, fui a algumas reuniões, o Observatório Nacional de Violência contra Jornalistas. Iniciativa que o Ministério da Justiça estava tentando implementar, está tentando implementar ainda. E aí nas reuniões lá, o principal problema que o pessoal trazia era do assédio judicial. Muitas vezes, dezenas e dezenas de ações contra um determinado jornalista com o objetivo realmente de impossibilitar a defesa dele de forma que ele pare. Um caso até emblemático do Christian Góes do Alagoas, Sergipe, que foi condenado a fazer uma crônica. Mas quando eu vou nessas reuniões eu vejo o quão, que casos como o do meu pai, o tanto que eles são drásticos, né? Porque foi uma violência tão grande que ela até é relativamente rara, né? Nesses moldes. No Brasil não temos muitos casos. Aí eu me lembro de um caso parecido. Que aconteceu recentemente assim, mais ou menos na mesma época, foi na Baixada Fluminense, eu esqueci o nome do jornalista agora, que foi morto também, mas de lá pra cá realmente, e o que ficou, o assombroso, o que vinha de regra na atividade jornalística, aquela que é mais, que representa um risco maior, o jornalista, ele incomoda, porque o jornalista ele sempre está falando do poder, então aquele que está exercendo o poder muitas vezes não gosta de receber um olhar crítico, de ter algumas informações reveladas e
-----	---

tudo. Então, e justamente por isso, quem ataca os jornalistas muitas vezes são detentores de poder, seja do poder político, seja do poder financeiro, seja do poder militar. Aquelas atividades mais sensíveis, do ponto de vista da informação, são jornalistas que cobrem política, nas grandes capitais nem tanto, mas no interior é muito perigoso. O jornalista tem muito essa figura do blogueiro no interior, que aí ele começa a fazer denúncias sobre a prefeitura, ele vai ser ameaçado, mas com toda certeza. Esse jornalismo de denúncia política é perigoso, quem cobre violência policial é muito arriscado, mas agora no esporte não, né? No esporte não tinha essa cultura. Até... nos anos 90, você trabalhava no Popular? Sim, trabalhava. Porque os anos 90 eu era menino, mas eu lembro que era uma década muito diferente de hoje. Era uma década diferente do rádio goiano. O rádio era ainda mais forte e tinha uma tradição de reverência. Eu me lembro de ir nos programas e tal, e até esse nome, eu acho esse nome interessante, crônica esportiva, o cronista esportivo, é uma coisa que dá um ar quase criativo para a profissão. Então, existia essa tradição de provocação, de reverência no futebol e tal, então não era uma área reconhecida por uma violência dessa natureza. Então, inclusive, chocou muitas pessoas por causa disso e revoltou muitas pessoas por causa disso. Tem gente que... Uma coisa que trabalha a favor de criminosos, e eu acho isso muito irônico, é que quanto mais absurdo é o que o criminoso faz, menos provável as pessoas acham que ele tenha feito. Porque... Porque a pessoa fala assim, mas não é possível que ele... Não tem como ele ter feito isso. Não tem como ele ter feito isso. E tem, tem como, entendeu? Porque as pessoas chegam e me perguntam, mas foi por causa de futebol mesmo? Banal, né? É, porque é muito banal. É claro que ele não fez uma crítica um dia e houve um histórico de desgastes, mas esse histórico de desgastes foi um histórico por causa do histórico de críticas dele nos programas da Rádio Bandeirantes e da PUC-TV. Em relação ao Atlético. E aí houve um crescendo de retaliações. Primeiro proibiram a PUC-TV

de ir ao Atlético, proibiram a PUC de ir ao Atlético, proibiram os jogadores de dar entrevista lá se meu pai estivesse no programa, proibiram o técnico de dar entrevista se meu pai estivesse no programa. Fizeram... O Maurício na época tinha um errado, né? Sim. E aí o Charlie estava lá na época e estava na 730 também e aí o Maurício obrigou, ou fica lá ou fica aqui e aí ele se demitiu da PUC-TV porque o salário era maior na 730. Foi retalhando até onde pôde, até chegar no ponto efetivamente da violência fatal.

Caio Mounif: Voltando para o nosso cenário nacional especificamente, Maria José, qual que seria o papel do poder público até para exercer uma defesa do jornalismo, da comunicação, da imprensa em meio a toda essa escalada da violência?

Maria José: Os números diminuíram, mas ainda são números assustadores. Para nós, do movimento sindical dos jornalistas, o poder público tem um papel relevante no que diz respeito a políticas públicas de segurança pública. E essas políticas públicas de segurança pública têm que ter um olhar também para os jornalistas em determinadas situações. É isso quando a gente fala da segurança pública, mas tem o judiciário, que é poder público, e que o judiciário precisa de ser célebre. Eu costumo dizer que, contrariando o ditado de que a justiça tarda, mas não falha, eu costumo dizer que justiça tardia é injustiça. Justiça tardia em justiça. Então a gente tem aí uma série de crimes contra jornalistas que não viram nem inquérito policial. Para virar inquérito, o jornalista tem que insistir, etc, etc, que não vai virar um processo, nem criminal, nem cível. Então, a gente precisa que o poder público olhe para essas agressões com o olhar do que de fato elas são, que são violências, muitas vezes crimes, e que precisam de ser combatidos. Além disso, tem uma questão que é maior para o jornalismo como um todo, que o

poder público tem de encarar o jornalismo como uma atividade humana essencial para a democracia e que precisa de determinadas regras. É o que nós chamamos, nós precisamos de regulação e regulamentação, inclusive para os veículos de comunicação. E aí, se você tem regulação e regulamentação, você tem mais condições de exigir compromisso dos veículos de comunicação, inclusive com seus trabalhadores e suas trabalhadoras. Porque não é o caso. Nós temos inúmeras situações em que um jornalista ou uma jornalista é ameaçada e a empresa não toma nenhuma providência. A empresa é empregadora. Isso é gravíssimo. Isso é gravíssimo. Então, nós precisamos de que haja uma orquestração do poder público, da categoria profissional, da sociedade, para que cada um no seu papel trabalhe para eliminar a violência contra jornalistas. Por exemplo, nós já propusemos para as empresas e insistimos a cada ano nas negociações coletivas salariais que as empresas estabeleçam um protocolo de segurança. Nós nunca conseguimos. Nunca conseguimos que as empresas aceitem um protocolo de segurança, um protocolo de segurança mínimo, como, por exemplo, a empresa tem que fornecer equipamento individual de proteção quando a situação requer, nem isso as empresas não fazem. O mínimo, né? O mínimo do mínimo. As empresas precisam de avaliar as situações de risco. Eu costumo dar o exemplo do repórter cinematográfico da Band, que morreu na manifestação lá em São Paulo. Ele estava sozinho. Se ele não estivesse sozinho, ele não teria morrido. Por quê? Ele sozinho, com o olho na câmara. Veio o rojão e claro que ele não viu, o rojão veio por trás e o atingiu. Então são coisas que um protocolo de segurança pode avaliar cada situação e pode determinar as medidas de segurança necessárias. Santiago Andrade. As medidas necessárias para cada situação. E o poder público, na questão da segurança pública, precisa atuar. Tudo que a gente tenta discutir com o Ministério da Justiça, e a gente já tentou várias vezes, e esse observatório da violência contra jornalistas e comunicadores que o Ministério da Justiça criou, foi uma reivindicação

da FENAJ há muitos anos atrás, só que a gente achava que tinha que ficar no Ministério de Direitos Humanos, para colocar os jornalistas no exercício da profissão como um defensor de direitos humanos, que precisa da proteção do Estado por ser um defensor dos direitos humanos. Então, quando você fala de segurança pública, a única medida que as forças de segurança querem tomar é restringir o acesso do jornalista a determinadas situações. Isso não é solução. Isso não é solução. Então, as forças de segurança têm que ter um protocolo de atuação, inclusive que preveja a proteção ao jornalista. E ao contrário, como essas forças de segurança muitas vezes não agem corretamente com o cidadão e a cidadã, aí elas a própria, vamos dizer assim, força de seguido persegue o jornalista que registrou que ela não agiu corretamente com o cidadão e a cidadã. Então, são questões muito imbricadas que precisam de uma política de Estado mesmo para serem resolvidas.

Caio Mounif: Quero agradecer imensamente Valério, Maria José, eu poderia continuar aqui por horas conversando com vocês, porque pra mim foi uma aula com vocês dois aqui hoje, como acadêmico de jornalismo é muito interessante, muito importante essa conversa com vocês, acho que o episódio piloto não poderia ser melhor do que esse, com esse assunto, com esse tema. Então, de novo, agradeço muito a presença de vocês. E eu quero fechar aqui esse primeiro episódio, episódio piloto da editoria do dia, com uma frase do Millôr Fernandes, que imprensa é oposição e o resto é armazém de secos e molhados, porque no nosso meio, principalmente eu que atuo na área esportiva, temos por exemplo, o Valério até falou que o impacto talvez tenha sido que hoje o pessoal às vezes pega leve na crítica, às vezes muitos repórteres que são quase que uma assessoria dos clubes, então, e o papel do jornalista não é esse. O papel do jornalista é exatamente trazer o contraponto, trazer a notícia independente, se vai agradar, se vai desagradar, E muitas vezes é colocar o dedo na feira, então...

Valério Luiz: Meu vô gabava com aquela voz dele, né? Se gabava, falava assim “eu nunca tomei cafezinho com o diretor de futebol”, porque realmente o jornalista precisa manter uma certa distância, não ser hostil, mas manter uma certa distância. Porque se você tá tomando café na casa do cara e amanhã você vai criticar ele no jornal, é difícil.

Caio Mounif: Os interesses vão se mesclando ali. Obrigado novamente, pessoal. Eu que agradeço. Sucesso na sua defesa. Muito obrigado. É isso.

APÊNDICE 2 - LOGO DO PROGRAMA



APÊNDICE 3

AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO

O aluno Caio Gomes Mounif Jamal, concluinte do curso de Jornalismo da Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás no ano de 2025, autoriza a Universidade a reproduzir a obra feita para o trabalho de conclusão de curso.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O estudante Caio Gomes Mounif Jamal, do curso de Jornalismo, matrícula 20192012700050, telefone: (62) 98133-5154, e-mail: caiojamal@hotmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “*Editoria do dia*” episódio Violência contra jornalistas, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 02 de dezembro de 2025.

Assinatura do autor:

Nome completo do autor:

Caio Gomes Mounif Jamal

Assinatura do professor-orientador: